



Hospitalidade e Acolhimento: fundamentos teológicos e éticos do encontro com o outro

Hospitality and Welcoming: theological and ethical
foundations of encountering the other

*Anna Silvia Penteado Setti da Rocha**

UTFPR

Recebido em: 31/01/2026. Aceito em: 31/03/2026.

Resumo: *Este artigo tem como finalidade aprofundar a percepção da hospitalidade como uma categoria teológica e uma prática ética, examinando de forma crítica suas origens bíblicas e filosóficas, além de suas repercussões na missão atual da Igreja. Objetiva-se evidenciar que a hospitalidade vai além do simples gesto de acolhimento, requerendo uma recepção genuína do outro e o reconhecimento pleno de sua dignidade. As fundamentações bíblicas da hospitalidade foram analisadas, enfatizando como o Antigo Testamento orienta práticas de acolhimento e proteção ao estrangeiro, e como o Novo Testamento, principalmente por meio do conceito de koinonia, expande essa ética para uma experiência comunitária centrada no amor e na inclusão. As contribuições filosóficas de Emmanuel Lévinas e Jacques Derrida foram examinadas, uma vez que ambos compreendem a hospitalidade como uma abertura radical à alteridade, transcendendo limites religiosos e sugerindo uma hospitalidade incondicional. A identificação da Comunicação Não Violenta como uma ferramenta essencial para promover uma hospitalidade autêntica é outra dedução significativa. Ao promover o diálogo, o respeito mútuo e a valorização das diferenças, essa estratégia ajuda a criar comunidades eclesiais genuinamente acolhedoras e inclusivas. Ao interligar tais dimensões, o artigo argumenta que a hospitalidade cristã não deve ser limitada a uma mera virtude social, mas reconhecida como uma identidade teológica e missional de importância significativa, capaz de ressignificar a função da Igreja na sociedade atual. Conclui-se que a hospitalidade, sob essa perspectiva ampliada e crítica, se estabelece como um compromisso funda-*

* Pós-doutorado em Bioética, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2018. Docente na Universidade Tecnológica Federal do Paraná desde 2004.
E-mail: annapsrocha@gmail.com.





mental e transformador, sustentando a missão evangelizadora e a formação de comunidades que manifestam o Evangelho por meio do acolhimento e da valorização da diversidade.

Palavras-chave: *hospitalidade; ética cristã; comunicação não violenta.*

Abstract: *This article aims to deepen the perception of hospitality as a theological category and ethical practice, critically examining its biblical and philosophical origins, as well as its repercussions on the Church's current mission. It seeks to highlight that hospitality goes beyond the simple act of welcoming, requiring a genuine reception of the other and full recognition of their dignity. The biblical foundations of hospitality were analyzed, emphasizing how the Old Testament guides practices of welcoming and protecting the stranger, and how the New Testament – primarily through the concept of koinonia – expands this ethic into a communal experience centered on love and inclusion. The philosophical contributions of Emmanuel Lévinas and Jacques Derrida were examined, as both view hospitality as a radical openness to alterity, transcending religious boundaries and proposing unconditional hospitality. Identifying Nonviolent Communication as an essential tool for promoting authentic hospitality represents another key insight. By fostering dialogue, mutual respect, and appreciation of differences, this approach helps build genuinely welcoming and inclusive ecclesial communities. By interconnecting these dimensions, the article argues that Christian hospitality should not be confined to a mere social virtue but recognized as a significant theological and missional identity, capable of redefining the Church's role in contemporary society. In conclusion, hospitality – under this broadened and critical perspective – emerges as a fundamental and transformative commitment, underpinning the evangelizing mission and the formation of communities that embody the Gospel through welcoming and valuing diversity.*

Keywords: *hospitality; christian ethics; nonviolent communication.*

Introdução

A hospitalidade não se limita a um mero comportamento social ou a uma virtude secundária na tradição cristã, mas configura uma autêntica experiência existencial e hermenêutica que molda a essência do cristão (*Dasein*), situada na ética do encontro entre indivíduos (Dal Corso, 2025). Como prática teológica fundamental, a hospitalidade articula dimensões soteriológicas, eclesiológicas e escatológicas, configurando-se como um espaço privilegiado para a manifestação do *mysterium Dei* na trajetória da história humana. No âmbito da tradição bíblica, a hospitalidade se evidencia como um mandamento divino e como uma expressão concreta do amor (ágape) que caracteriza a comunidade da nova aliança.



Textos como Hebreus 13:2, 1 Pedro 4:9 e Romanos 12:13 definem a acolhida não como uma opção ética, mas como um imperativo teológico que caracteriza a identidade cristã. No campo filosófico, pensadores como Jacques Derrida e Emmanuel Lévinas ampliam essa concepção ao sustentarem que a autêntica hospitalidade requer uma disposição incondicional para com o “absolutamente outro” (*tout autre*), o qual desafia e desestabiliza nossas fronteiras identitárias, nossas certezas ontológicas e nossos sistemas de reciprocidade (Derrida; Dufourmantelle, 2003; Lévinas, 1991). Essa abertura não se resume à mera tolerância ou a uma benevolência paternalista, mas sim a uma fragilidade ética que reconhece o outro como algo que não se limita à minha compreensão, como algo que transcende as minhas categorias cognitivas e morais.

Este artigo emprega uma abordagem predominantemente bibliográfica e hermenêutica, incluindo análises crítico-analíticas, com o propósito de examinar o conceito de hospitalidade na tradição cristã. A investigação bibliográfica baseou-se em fontes primárias, consistindo em textos bíblicos do Antigo e Novo Testamento, e em fontes secundárias, abrangendo literatura teológica, filosófica e ética contemporânea. Essas fontes foram escolhidas de acordo com critérios de relevância acadêmica, reconhecimento nas áreas temáticas e interação direta com a problemática da hospitalidade. Priorizaram-se obras de referência e artigos indexados em bases especializadas nas áreas de teologia, filosofia e ciências da religião, bem como as obras de autores fundamentais, como Jacques Derrida, Emmanuel Lévinas e Dal Corso. O desenvolvimento argumentativo tem início com uma análise hermenêutica das principais passagens bíblicas relacionadas à hospitalidade, evidenciando que esta não se restringe a um comportamento social ou a uma virtude secundária. Em seguida, analisa-se a dimensão teológica da hospitalidade como um espaço privilegiado para a revelação do *mysterium Dei* na trajetória da humanidade. Posteriormente, emprega-se uma abordagem filosófica, fundamentada nas contribuições de Derrida e Lévinas, para abordar a hospitalidade como uma abertura incondicional ao “absolutamente outro”. Por fim, a interligação entre os aportes bíblicos, teológicos e filosóficos fundamenta a reflexão acerca da importância da hospitalidade na missão contemporânea da Igreja. Acredita-se que a hospitalidade, ao contrário de ser apenas uma virtude, representa a base fundamental da vida cristã e proporciona recursos teóricos e práticos para a ação da Igreja em ambientes caracterizados pela pluralidade e pela necessidade de inclusão.



1 Fundamentos bíblico-teológicos da hospitalidade

1.1 A hospitalidade no antigo testamento: mandato, memória e identidade

A hospitalidade, no âmbito do Antigo Testamento, não se fundamenta essencialmente em princípios humanitários abstratos, mas está intimamente ligada à memória histórica da salvação de Israel e à formação da aliança (*berit*) estabelecida pelo Senhor. O preceito contido em Levítico 19:33-34 ilustra essa visão ao orientar que o estrangeiro (*ger*) que reside entre os israelitas deve ser tratado como um igual e amado como a si mesmo, recordando que o povo de Israel também foi estrangeiro na terra do Egito, sustentando essa ética na afirmação: “Eu sou o SENHOR, o Deus de vocês”.

Esse mandamento se organiza em três dimensões essenciais. A primeira dimensão é a anamnética, uma vez que a hospitalidade se baseia na memória coletiva da escravidão e na libertação do Egito, configurando a experiência histórica de vulnerabilidade e dependência como alicerce da obrigação ética atual (Constantineanu, 2018).

A segunda dimensão é a teológica, uma vez que o imperativo “Eu sou o SENHOR” associa a hospitalidade à identidade e à santidade divina, conferindo ao acolhimento do estrangeiro não apenas o caráter de obrigação social, mas também o de imitação da ação de Deus, que optou por e libertou Israel enquanto este se encontrava oprimido (Brueggemann, 2001).

A ética representa a terceira dimensão, uma vez que o afeto pelo estrangeiro é visto como igual ao amor por si mesmo, criando uma reciprocidade ética que transcende limitações étnicas, culturais e religiosas, reconhecendo o *ger* como um indivíduo de direitos e dignidade equivalentes aos do israelita nativo (Levinson, 1997). Narrativas exemplificativas, como a recepção de Abraão aos três visitantes em Mamre (Gênesis 18:1-15) e a de Ló em Sodoma (Gênesis 19:1-11), evidenciam a hospitalidade como uma virtude fundamental, que pode até promover experiências teofânicas.

A tradição rabínica, posteriormente, passou a interpretar esses episódios como indicações de que a hospitalidade (*hachnassat orchim*) é superior até do que à acolhida da presença divina (*Shechiná*), uma vez que Abraão suspende seu diálogo com Deus para acolher os viajantes (Pohl, 1999).



1.2 A hospitalidade no novo testamento: cristologia, eclesiologia e escatologia

No Novo Testamento, a hospitalidade adquire uma profundidade cristológica e escatológica. Jesus Cristo é, simultaneamente, o hóspede que deve ser acolhido “Fui forasteiro e vocês me acolheram” (Mateus 25:35) e o anfitrião que convida à mesa do Reino (Lucas 14:15-24; Apocalipse 3:20). Essa dupla dimensão – Cristo como hóspede e como anfitrião – estabelece uma dialética teológica fundamental: acolher o outro é acolher Cristo; recusar o outro é recusar Cristo.

A parábola do Juízo Final (Mateus 25:31-46) intensifica essa identificação: “Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (v. 40). A hospitalidade, portanto, não constitui mero ato de filantropia, mas um encontro sacramental com o próprio Cristo presente no rosto do necessitado, do estrangeiro e do vulnerável (Koenig, 2001). Paulo de Tarso constrói uma teologia da hospitalidade baseada na eclesiologia do Corpo de Cristo, aprofundando-se na mensagem de Romanos 12:4-5, a diversidade de membros na unidade do corpo estabelece um modelo de comunidade onde a diferença não representa ameaça, mas condição de possibilidade para a convivência comum: “Assim como em um só corpo temos muitos membros, e nem todos possuem a mesma função, assim também nós, embora muitos, somos um só corpo em Cristo, e membros uns dos outros” (Rm 12:4-5).

A afirmação de Gálatas 3:28 – “Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus”, – não propõe uma homogeneização que apague diferenças, mas uma unidade escatológica que transcende e transfigura as divisões sociais, étnicas e de gênero, sem anulá-las (Shirley; Nel; Meyer, 2024). A hospitalidade paulina é, assim, prática de antecipação escatológica, pois a comunidade cristã, ao acolher radicalmente o outro, torna presente a realidade do Reino vindouro.

A comunidade primitiva jerusalemita, descrita em Atos 2:42-47 e 4:32-35, exemplifica a hospitalidade como estrutura econômica e espiritual: “Todos os que criam estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam suas propriedades e bens e os repartiam por todos, segundo a necessidade de cada um” (Atos 2:44-45). Esta *koinonia* radical não é mero ideal utópico, mas sim testemunho histórico de uma comunidade estruturada pela hospitalidade como princípio organizador (Arterbury, 2005).



1.3 A hospitalidade na tradição patrística e medieval

A tradição patrística aprofunda teologicamente a hospitalidade como expressão da caridade (*caritas*) e da misericórdia divina. Basílio de Cesareia, no século IV, estabelece hospitais e instituições de acolhimento como parte integrante da missão eclesial e não apenas como ações caritativas individuais esporádicas. Argumenta que os bens materiais, embora legalmente de propriedade privada, tinham uma destinação universal por parte de Deus, devendo estar subordinados ao bem comum e à necessidade dos pobres (Holman, 2001). Esses ensinamentos forneceram as bases para o desenvolvimento posterior da doutrina social da Igreja e para a organização das obras de caridade cristãs ao longo da história.

João Crisóstomo desenvolve uma teologia da hospitalidade, enraizada na cristologia: “Quando vês um pobre, lembra-te daquele que por ti se fez pobre. Quando vês um estrangeiro, lembra-te daquele que por ti se fez estrangeiro” (Chrysostom, 1956). A hospitalidade é, assim, mimesis da kenosis cristológica descrita em Filipenses 2:5-11. Assim, acolher o outro, sobretudo aquele que se encontra à margem, transforma-se em um gesto de fé autêntico e numa manifestação concreta da encarnação e do amor sacrificial de Cristo.

A Regra de São Bento (século VI) institui a hospitalidade como um dos pilares da vida monástica: “Todos os hóspedes que chegarem ao mosteiro sejam recebidos como Cristo, pois Ele próprio dirá: ‘Fui hóspede e me acolhestes’” (Bento de Núrsia, 2003). Essa orientação tornou-se um marco na espiritualidade cristã ocidental, conferindo à hospitalidade o caráter de prática espiritual e de exercício ascético, por meio da qual o monge aprende a reconhecer e acolher a presença de Cristo no outro.

2 Hospitalidade e alteridade: a contribuição filosófica de Emmanuel Lévinas

2.1 A ética da alteridade: responsabilidade infinita pelo outro

Emmanuel Lévinas (1906-1995), filósofo judeu-lituano sobrevivente do Holocausto, propõe uma revolução ética que desloca o fundamento da filosofia da ontologia (pergunta pelo ser) para a ética (responsabilidade pelo outro). Para Lévinas, a relação ética não se baseia na reciprocidade simétrica ou no contrato social, mas numa responsabi-



lidade assimétrica e infinita pelo outro que precede qualquer escolha ou deliberação consciente (Lévinas, 2007).

O encontro com o rosto (*visage*) do outro, conceito central na filosofia levinasiana, revela uma vulnerabilidade e uma altura (*hauteur*) simultâneas. Essas características convocam o sujeito a sair de si mesmo (ex-centramento), dando prioridade absoluta à responsabilidade antes de qualquer ato consciente ou de qualquer escolha voluntária. O rosto do outro não é mera percepção sensível, mas epifania ética que proclama um mandamento silencioso: “Não matarás” (Lévinas, 2010).

Esta responsabilidade não é escolhida, mas descoberta; não é recíproca, mas unilateral; não é limitada, mas infinita. Como afirma Lévinas: “Sou responsável pelo outro sem esperar a recíproca, ainda que isso me custe a vida. A recíproca é assunto dele” (Lévinas, 2011). Esta assimetria ética rompe radicalmente com as éticas contratualistas e utilitaristas que fundamentam a obrigação moral na expectativa de reciprocidade ou de benefício mútuo.

2.2 Hospitalidade como estrutura ética primordial

Para Lévinas, a hospitalidade emerge como o gesto ético primordial, anterior à constituição do sujeito autônomo. Não é o eu soberano que decide acolher ou recusar o outro; é o outro que, ao interpelar-me, constitui-se como sujeito ético responsável. A subjetividade é, assim, heteronomamente constituída: sou sujeito porque sou chamado a responder (*responsabilité*) pelo outro (Maslowski, 2024).

A hospitalidade levinasiana significa receber o outro absolutamente estranho sem condições prévias, não como mero convidado que se adequa às regras da casa, mas como aquele que interpela e coloca em questão minhas certezas identitárias, minha propriedade, minha ipseidade. Tal acolhida implica um movimento de abertura que desconstrói fronteiras pessoais e sociais, permitindo a expressão singular do outro em sua irredutível alteridade (Maslowski; Mallmann, 2024).

Esta hospitalidade não é um ato neutro ou meramente social, mas uma experiência ética que revela a essência do sujeito como “ser-para-o-outro” (*être-pour-l'autre*). Trata-se de uma chamada transcendental ou, na linguagem teológica, de uma vocação que exige uma resposta responsável e acolhedora, na qual o outro não é assimilado, reduzido ou



compreendido totalmente, mas respeitado em sua alteridade irreduzível e em seu mistério (Hutchens, 2004).

2.3 Implicações teológicas da ética levinasiana

Apesar de Emmanuel Lévinas estabelecer uma clara distinção entre filosofia e teologia confessional, sua ética da alteridade se relaciona de maneira significativa com a tradição bíblica, fornecendo instrumentos conceituais importantes para a teologia cristã da hospitalidade. Teólogos da atualidade, como Jean-Luc Marion, John Caputo e Graham Ward, têm analisado as intersecções entre a ética proposta por Lévinas e a teologia cristã (Marion, 2012).

Nesse cenário, três implicações teológicas principais se destacam: primeiro, a primazia da ética sobre a ontologia. Isso ocorre porque a ênfase de Lévinas na primazia da ética é refletida na declaração bíblica de que “Deus é amor” (1 João 4:8) e na noção de que o conhecimento de Deus está intrinsecamente relacionado à prática da justiça e da misericórdia (Jeremias 22:16; Miqueias 6:8) (Caputo; Scanlon, 1999). Em segundo lugar, há a transcendência na imanência, pois o rosto do outro, visto como epifania ética, indica uma vivência do transcendente que não requer afastamento do mundo, mas um envolvimento profundo com a vulnerabilidade concreta do próximo – uma visão que ecoa a cristologia encarnacional e a identificação de Cristo com os “pequeninos”, conforme Mateus 25:40 (Peperzak, 1993).

Por último, a crítica à totalidade e à violência: a denúncia levinasiana dos sistemas totalizantes, que tendem a reduzir o outro à sua própria equivalência, fornece fundamentos teológicos para interpelar as estruturas eclesiais e sociais que instrumentalizam, assimilam ou excluem aqueles que não se ajustam às normas estabelecidas (Bauman, 1993).

3 Hospitalidade incondicional e aporia: a contribuição de Jacques Derrida

3.1 A dupla lei da hospitalidade: incondicional e condicional

Jacques Derrida (1930-2004), filósofo argelino-francês, desenvolve uma desconstrução da hospitalidade que revela suas tensões constitutivas e sua dimensão aporética. Em diálogo crítico com Lévinas e com a



tradição filosófica ocidental, Derrida distingue duas leis da hospitalidade que se encontram em relação paradoxal (Derrida, 1999). A Lei da hospitalidade incondicional: hospitalidade absoluta, que exige acolher o outro absolutamente outro (*tout autre*), o visitante inesperado, sem perguntar seu nome, sem exigir reciprocidade, sem impor condições. Esta hospitalidade pura é impossível de realizar plenamente, mas funciona como horizonte regulador e como ideal ético que julga toda hospitalidade efetiva (Derrida, 2000). As leis da hospitalidade condicional: hospitalidade concreta, histórica, juridicamente regulada, que estabelece condições, limites, direitos e deveres tanto para o anfitrião quanto para o hóspede. Esta hospitalidade é necessária à vida social e política, mas sempre trai, em alguma medida, a ética do acolhimento universal (Borradori, 2003).

Derrida argumenta que estas duas leis não podem ser reconciliadas dialeticamente, mas existem em tensão aporética permanente. A hospitalidade incondicional é impossível sem as leis condicionais. Pois, sem instituições, leis e limites, não há propriamente hospitalidade, mas apenas fusão ou dissolução. No entanto, as leis condicionais sempre traem a hospitalidade irrestrita ao estabelecer fronteiras, critérios de seleção e mecanismos de exclusão (Caputo, 1997).

3.2 Poder, soberania e violência na hospitalidade

Derrida expõe uma dimensão frequentemente negligenciada na reflexão sobre hospitalidade: o poder inerente à posição do anfitrião. Quem convida, quem acolhe, quem estabelece as regras da casa detém poder sobre o hóspede. A hospitalidade, portanto, nunca é pura generosidade desinteressada, mas sempre envolve relações de poder, controle territorial e afirmação de soberania (Derrida; Roudinesco, 2005).

Esta análise derridiana é particularmente relevante para a teologia e a práxis eclesial, pois expõe o risco de que a hospitalidade cristã se transforme em mecanismo de controle, assimilação ou paternalismo. Comunidades que se apresentam como “anfitriãs” podem, inadvertidamente, impor aos “hóspedes” expectativas de conformidade, gratidão e subordinação que contradizem a hospitalidade autêntica (Meletiou; Meylahn, 2016).

A hospitalidade derridiana convoca, portanto, a uma vigilância ética permanente: é preciso tentar acolher incondicionalmente, sabendo que esta incondicionalidade é impossível; é preciso estabelecer condições e limites, sabendo que estes sempre excluem e violentam; é preciso



exercer o poder inerente à posição de anfitrião, sabendo que este poder pode se tornar opressivo (Still, 2010).

3.3 Hospitalidade e teologia: implicações para a práxis eclesial

A desconstrução derridiana da hospitalidade oferece à teologia cristã recursos críticos para examinar as práticas eclesiais de acolhimento. Em primeiro lugar, evidencia-se a necessidade de criticar a hospitalidade condicional frequentemente mascarada de incondicional, já que muitas comunidades cristãs anunciam “acolhimento incondicional”, mas, na prática, estabelecem condições explícitas ou implícitas, como exigências doutrinárias, morais, culturais ou estéticas. A abordagem derridiana exige o reconhecimento de que toda hospitalidade concreta é, inevitavelmente, condicional, enquanto a verdadeira incondicionalidade deve ser vista como um horizonte escatológico, inalcançável plenamente no presente (Shepherd, 2014). Em segundo lugar, destaca-se o reconhecimento da ambiguidade inerente ao poder eclesial, pois ao assumir o papel de anfitriã, a Igreja exerce poder sobre os acolhidos, podendo esse poder ser libertador ou opressivo. Uma consciência crítica dessa ambiguidade é fundamental para que a hospitalidade não se converta em dominação (Reynolds, 2008). Por fim, ressalta-se a importância da abertura ao risco e à vulnerabilidade, pois uma hospitalidade autêntica implica aceitar a possibilidade de que o outro transforme a comunidade, questione suas certezas e desestabilize suas estruturas. Comunidades que acolhem apenas quem não as desafia, na verdade, praticam assimilação, e não hospitalidade genuína (Sutherland, 2006).

4 A dimensão existencial e ética da hospitalidade: expatriação interior e transformação

4.1 Hospitalidade como expatriação interior

Marco Dal Corso, em reflexão fenomenológica sobre a hospitalidade, propõe que o ato de acolher autenticamente implica uma “expatriação interior”: o sujeito que acolhe deve estar disposto a transformar sua própria identidade por meio da relação com o hóspede (Dal Corso, 2025). Esta expatriação não é mera abertura superficial, mas um descen-



tramento existencial que coloca em questão as seguranças ontológicas, as certezas identitárias e os confortos morais do anfitrião.

A hospitalidade autêntica envolve, portanto, risco existencial: o risco de ser transformado, de ter suas convicções questionadas, de descobrir-se estrangeiro em sua própria casa. Este risco não é acidental nem evitável, mas constitutivo da hospitalidade genuína. Como observa Maria Paula Marcelino, o ato de acolher exige “delicadeza, atenção e paciência para evitar que o encontro se converta em conflito” (Marcelino, 2016), mas também coragem para enfrentar o conflito quando este é inevitável e necessário ao crescimento mútuo.

4.2 Hospitalidade e reconhecimento da dignidade irredutível

A hospitalidade ética implica reconhecimento da dignidade intrínseca e irredutível do outro, rompendo com a tendência a projetar expectativas, impor categorias ou limitar a liberdade alheia. Como ressalta Derrida, a hospitalidade verdadeira é oferecida ao visitante absolutamente estranho, imprevisível, não condicionada por sua adequação às expectativas do anfitrião (Derrida, 2000).

Este reconhecimento da dignidade irredutível converge com a antropologia teológica cristã que afirma a criação do ser humano à imagem e semelhança de Deus (*imago Dei*) (Gênesis 1:26-27). Cada pessoa, independentemente de sua origem, condição social, religião ou qualquer outro marcador identitário, porta está dignidade inalienável que exige respeito incondicional (Moltmann, 1993).

A hospitalidade cristã, fundamentada na *imago Dei*, não pode, portanto, ser seletiva ou discriminatória. Não se acolhe o outro porque ele é semelhante, compreensível, agradável ou útil, mas precisamente porque ele é outro, porque sua alteridade irredutível manifesta a transcendência e a infinitude do mistério humano criado à imagem do Deus infinito (Barth, 1960).

5 Comunicação não violenta: práxis da hospitalidade autêntica

5.1 Fundamentos da comunicação não violenta

A Comunicação Não Violenta (CNV), desenvolvida pelo psicólogo Marshall Rosenberg, oferece ferramentas práticas e conceituais



para a prática da hospitalidade em contextos interpessoais e comunitários. A CNV fundamenta-se em quatro componentes estruturais (Rosenberg, 2015):

- a) Observação sem julgamento: distinção rigorosa entre observação factual e avaliação interpretativa. Em vez de “Você é irresponsável”, diz “Você chegou 30 minutos após o horário combinado”.
- b) Identificação de sentimentos: reconhecimento e expressão autêntica de emoções, distinguindo sentimentos genuínos de pensamentos disfarçados de sentimentos. Em vez de “Sinto que você não se importa”, diz “Sinto-me triste e desvalorizado”.
- c) Reconhecimento de necessidades subjacentes: identificação das necessidades humanas universais que fundamentam os sentimentos. Sentimentos desagradáveis indicam necessidades não atendidas; sentimentos agradáveis, necessidades satisfeitas.
- d) Formulação clara de pedidos: expressão de pedidos concretos, específicos, positivos e realizáveis, distinguindo pedidos (que admitem recusa) de exigências (que não permitem recusa).

5.2 CNV como práxis teológica da hospitalidade

A Comunicação Não Violenta (CNV) transcende a noção de apenas uma técnica comunicativa; configura-se como uma prática ética que materializa princípios teológicos essenciais. Diversos trechos da Bíblia interagem diretamente com os princípios defendidos pela Comunicação Não-Violenta (CNV). Em Colossenses 3:12, “Portanto, como povo escolhido de Deus, santo e amado, revistam-se de profunda compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência”, a Comunicação Não Violenta (CNV) tem como objetivo precisamente promover essas virtudes, estimulando a empatia, a compreensão e a paciência nas interações. Em Tiago 1:19, “Meus amados irmãos, tenham isto em mente: Sejam todos prontos para ouvir, tardios para falar e tardios para irar-se”, a escuta empática constitui a base da Comunicação Não Violenta (CNV), precedendo o discurso e prevenindo reações impetuosas de ira. Em Efésios 4:29, “Não saia da boca de vocês nenhuma palavra torpe, mas apenas a que for útil para edificar os outros, conforme a necessidade, para que conceda graça aos que a ouvem”, a Comunicação Não Violenta (CNV) orienta a interação visando à construção conjunta e à manifestação de necessidades de maneira construtiva.



A CNV promove ambientes de escuta ativa e empatia, nos quais anfitriões e hóspedes, membros antigos e recém-chegados, podem compartilhar vivências, demandas e fragilidades sem medo de críticas, julgamentos ou retaliações. Esse modelo promove a solução de conflitos e reforça o respeito mútuo, fatores essenciais para um acolhimento autêntico, que não elimina as diferenças, mas as incorpora de forma dialógica (Pastoral Carcerária, 2024).

5.3 CNV e diversidade na comunidade eclesial

Em contextos comunitários e eclesiais marcados por diversidade cultural, teológica, geracional e social, a CNV oferece recursos práticos para que diferenças sejam abordadas com compreensão e respeito, promovendo diálogos construtivos e fortalecendo laços de cooperação. A CNV permite que divergências doutrinárias, litúrgicas ou éticas sejam tratadas não como ameaças à unidade, mas como oportunidades de crescimento e aprofundamento mútuo.

Ademais, a CNV apoia processos de reconciliação e perdão, fundamentando a hospitalidade nas atitudes ensinadas nos evangelhos: mansidão, paciência, compaixão e disposição para o diálogo mesmo – e especialmente – com aqueles que nos feriram ou com quem temos conflitos (Lederach, 2012).

6 Senso de pertencimento e comunidade eclesial inclusiva

6.1 Pertencimento como necessidade humana fundamental

O senso de pertencimento (*belonging*) constitui uma necessidade humana fundamental, amplamente reconhecida nas ciências sociais e na psicologia. Abraham Maslow, em sua hierarquia de necessidades, situa o pertencimento como necessidade básica, logo após as necessidades fisiológicas e de segurança (Maslow, 1987). Os seres humanos necessitam sentir-se parte de comunidades que os reconhecem, valorizam e integram.

A hospitalidade autêntica não se limita a receber temporariamente o outro, mas visa criar condições para que o outro se sinta parte integrante da comunidade, superando a distinção entre “nós” (membros



estabelecidos) e “eles” (visitantes, estrangeiros, recém-chegados). Esta superação não implica homogeneização ou assimilação, mas integração que preserva e celebra a diversidade (Baumeister; Leary, 1995).

6.2 Diversidade e unidade no Corpo de Cristo

A teologia paulina do Corpo de Cristo oferece um fundamento teológico robusto para uma eclesiologia da hospitalidade que integra diversidade e unidade. Em 1 Coríntios 12:4-11, Paulo afirma: “Há diferentes tipos de dons, mas o Espírito é o mesmo. Há diferentes tipos de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. Há diferentes formas de atuação, mas é o mesmo Deus quem efetua tudo em todos”.

A diversidade não é tolerada apesar da unidade, mas constitui a unidade. Um corpo saudável não é homogêneo, mas sim diversificado funcionalmente. Olhos, ouvidos, mãos e pés têm funções distintas, e precisamente esta diversidade funcional permite que o corpo viva e atue eficazmente. Analogamente, a comunidade eclesial necessita de diversidade de dons, perspectivas, experiências e culturas para cumprir sua missão (Volf, 1996).

Gálatas 3:28 – “Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus” – não propõe apagamento das diferenças, mas sua transfiguração escatológica. As identidades étnicas, sociais e de gênero não desaparecem, mas são ressignificadas à luz da nova criação em Cristo. A unidade cristã não é uniformidade, mas comunhão na diversidade (Hays, 1996).

6.3 Práticas eclesiais de promoção do pertencimento

Comunidades eclesiais que buscam uma hospitalidade autêntica e a promoção do pertencimento precisam desenvolver práticas intencionais que favoreçam a inclusão e a participação plena de todos. Isso envolve a criação de liturgias inclusivas, que incorporem diferentes linguagens, expressões culturais, estilos musicais e formas de oração, possibilitando que diversos grupos se reconheçam e se expressem no culto comunitário (Lathrop, 1993).

Também é fundamental estabelecer estruturas participativas, com processos decisórios que assegurem a voz e a participação efetiva de todos os membros, especialmente daqueles historicamente marginaliza-



dos ou silenciados (Guder; Hunsberger, 1998). Além disso, é necessário investir em programas de formação teológica e pastoral que desenvolvam virtudes e competências essenciais à hospitalidade, como escuta empática, humildade cultural, capacidade de diálogo inter-religioso e intercultural, e consciência crítica sobre preconceitos e mecanismos de exclusão (Bevans; Schroeder, 2004).

O acompanhamento intencional dos recém-chegados, por meio de processos personalizados que favoreçam sua integração progressiva à vida comunitária, é outro aspecto importante para que não se tornem visitantes perpétuos (Roxburgh; Romanuk, 2006). Por fim, a celebração da diversidade através de eventos, celebrações e práticas que tornem visível e valorizem as diferenças presentes na comunidade é essencial para resistir à assimilação cultural ou teológica, promovendo um ambiente de verdadeira inclusão (Yong, 2008).

7 Desafios contemporâneos e tensões na práxis da hospitalidade

7.1 Hospitalidade e migração: desafios políticos e éticos

O contexto contemporâneo de migrações massivas, deslocamentos forçados e crise de refugiados coloca a teologia da hospitalidade diante de desafios éticos e políticos urgentes. A Igreja é convocada a articular uma resposta fiel à radicalidade evangélica da hospitalidade e, simultaneamente, responsável perante as complexidades políticas, econômicas e sociais envolvidas (Du Plessis, 2021).

Teólogos têm explorado textos como Jeremias 29:4-7, em que o profeta orienta os exilados babilônicos a “procurar a paz da cidade” e a orar por ela, como fundamento para uma teologia da migração que atribui responsabilidades tanto aos anfitriões quanto aos migrantes, visando à integração mútua e ao bem comum (Magezi, 2021).

Estudos de caso de comunidades eclesiais que desenvolvem ministérios com migrantes e refugiados demonstram que a hospitalidade cristã não é apenas um imperativo ético, mas também uma oportunidade de renovação eclesial, de aprendizado intercultural e de testemunho profético em sociedades cada vez mais xenófobas (Louw, 2021).



7.2 Hospitalidade e inclusão LGBTQIA+: tensões hermenêuticas e pastorais

A questão da inclusão de pessoas LGBTQIA+ nas comunidades cristãs é um dos debates mais intensos e polarizantes. A hospitalidade cristã é convocada a enfrentar tensões hermenêuticas (interpretação de textos bíblicos), teológicas (compreensão da sexualidade humana e do casamento) e pastorais (acompanhamento de pessoas e famílias) (Brownson, 2013).

Propostas de congregações inclusivas fundamentam-se em releituras hermenêuticas. Elas contextualizam textos tradicionalmente interpretados como condenatórios da homossexualidade em teologias da criação que reconhecem a diversidade sexual e de gênero como parte da boa criação de Deus. Além disso, incluem práticas pastorais que priorizam o acolhimento incondicional e o acompanhamento empático (Rogers, 1999).

Estas propostas encontram resistências em setores que defendem interpretações tradicionais e temem que a inclusão implique relativização da autoridade bíblica ou abandono da ética sexual cristã. O desafio teológico e pastoral é discernir como manter fidelidade à Escritura e à tradição enquanto se acolhe radicalmente aqueles que foram historicamente marginalizados e feridos por comunidades cristãs (Vines, 2015).

7.3 Limites da hospitalidade: quando acolher se torna cumplicidade?

A disponibilidade total ao encontro, como ideal ético e teológico, enfrenta limites práticos e morais. É possível e desejável acolher incondicionalmente? Há situações em que o acolhimento se torna cumplicidade com o mal ou negligência na proteção de vulneráveis?

Casos de abuso, violência doméstica, exploração e comportamentos destrutivos exigem que as comunidades estabeleçam limites claros e mecanismos de proteção. A hospitalidade não pode significar tolerância com o mal ou omissão diante da injustiça. Como afirma Bonhoeffer, “graça barata” é graça sem discipulado, sem transformação, sem responsabilidade ética (Bonhoeffer, 2004).

A tensão derridiana entre hospitalidade incondicional e leis condicionais é, aqui, incontornável. É preciso aspirar à hospitalidade plena



como horizonte ético, mas reconhecer que toda hospitalidade concreta exigirá condições, limites e discernimento. A sabedoria pastoral consiste em manter esta tensão criativa, sem resolver prematuramente a aporia pela absolutização de um dos polos (Herrero, 2023).

Conclusão

A hospitalidade revela-se, à luz da investigação bíblico-teológica e filosófica aqui empreendida, não como virtude periférica ou prática opcional, mas como categoria teológica fundamental que estrutura a identidade e a missão da Igreja. Acolher o outro em sua alteridade irreduzível é participar do movimento kenótico de Deus que, em Cristo, se fez estrangeiro, vulnerável e hóspede na criação. João 1:11: “Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam”.

A integração entre os ensinamentos bíblicos, a reflexão filosófica de Lévinas sobre a responsabilidade infinita, a desconstrução derridiana da hospitalidade incondicional e os recursos comunicativos da CNV oferece à teologia e à prática pastoral um arcabouço conceitual e prático robusto. Isso é essencial para enfrentar os desafios contemporâneos de pluralidade, migração, exclusão e fragmentação social.

Esta hospitalidade radical é pautada pela responsabilidade ética assimétrica, pelo reconhecimento da dignidade irreduzível de cada pessoa, pela disposição ao diálogo empático e pela construção de comunidades de pertencimento inclusivas. Ela representa um chamado profético para que a Igreja supere a hostilidade, o medo e a autopreservação defensiva. Assim, ela constrói um mundo onde o encontro com o estrangeiro não seja ameaça, mas oportunidade de crescimento, conversão e manifestação da graça divina.

A hospitalidade cristã, assim compreendida e praticada, não é apenas um imperativo ético, mas uma antecipação escatológica do Reino de Deus. Todas as nações, tribos, povos e línguas estarão reunidos diante do trono do Cordeiro (Apocalipse 7:9), não homogeneizados, mas transfigurados em sua diversidade pela graça reconciliadora de Cristo.

Referências

ARTERBURY, Andrew E. *Entertaining angels: early Christian hospitality in its Mediterranean setting*. Sheffield: Sheffield Phoenix Press, 2005.



BARTH, Karl. *Church dogmatics*. III/2: The doctrine of creation. Edinburgh: T&T Clark, 1960. v. 3.

BAUMAN, Zygmunt. *Postmodern ethics*. Oxford: Blackwell, 1993.

BAUMEISTER, Roy F.; LEARY, Mark R. The need to belong: desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *Psychological Bulletin*, v. 117, n. 3, p. 497-529, 1995.

BENTO DE NÚRSIA. *A regra de São Bento*. Tradução de D. João Evangelista Enout. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2003.

BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1996.

BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. Tradução de Ilson Kayser. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

BORRADORI, Giovanna. *Philosophy in a time of terror: dialogues with Jürgen Habermas and Jacques Derrida*. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

BRUEGGEMANN, Walter. *Deuteronomy*. Nashville: Abingdon Press, 2001.

BROWNSON, James V. *Bible, gender, sexuality: reframing the church's debate on same-sex relationships*. Grand Rapids: Eerdmans, 2013.

CAPUTO, John D. *The prayers and tears of Jacques Derrida: religion without religion*. Bloomington: Indiana University Press, 1997.

CAPUTO, John D.; SCANLON, Michael J. (org.). *God, the gift, and postmodernism*. Bloomington: Indiana University Press, 1999.

CHRYSOSTOM, John. Homilies on Matthew. In: SCHAFF, Philip (ed.). *Nicene and post-Nicene fathers*. Grand Rapids: Eerdmans, 1956. v. 10.

CONSTANTINEANU, Corneliu. Hospitality and welcome as Christian imperatives in relation to "the Other". *Transformation*, v. 35, n. 3, p. 210-221, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1177/0265378818782271>.

DAL CORSO, Marco. *Hospitalidade: espaço de coração dilatado, gratuidade e contemplação*. Belo Horizonte: Centro Loyola, 2025. Disponível em: <https://centroloyola.org.br/produto/hospitalidade-espaco-de-coracao-dilatado-gratuidade-e-contemplacao/>. Acesso em: 26 mar. 2026.

DERRIDA, Jacques. *Adieu to Emmanuel Levinas*. Stanford: Stanford University Press, 1999.



DERRIDA, Jacques. *Of hospitality*: Anne Dufourmantelle invites Jacques Derrida to respond. Stanford: Stanford University Press, 2000.

DERRIDA, Jacques; DUFOURMANTELLE, Anne. *Da hospitalidade*: Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade. São Paulo: Escuta, 2003. 1. ed. 144 p. ISBN 978-8571372092.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. **De que amanhã... Diálogo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 240 p. ISBN 978-8571107618.

DU PLESSIS, Amanda L. Contextual pastoral counselling: Paradigm shifts in practical theological development since the middle 20th century. In *Skriflig* (Online), Pretoria, v. 55, n.2, p.1-9, 2021. Available from <http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S230508532021000200001&lng=en&nrm=iso>access on 26 Mar. 2026. <https://doi.org/10.4102/ids.v55i2.2696>.

GUDER, Darrell L.; HUNSBERGER, George R. (org.). *Missional church*: a vision for the sending of the church in North America. Grand Rapids: Eerdmans, 1998. (The Gospel and Our Culture Series). 288 p. ISBN 978-0802843500.

HAYS, Richard B. *The moral vision of the New Testament*: a contemporary introduction to New Testament ethics. New York: HarperOne, 1996.

HERRERO, Montserrat. Hospitality or the limits of the political community. In: **Political philosophy and the challenge of revealed religion*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2023. DOI: <https://doi.org/10.3366/edinburgh/9781399522915.003.0006>.

HOLMAN, Susan R. *The hungry are dying*: beggars and bishops in Roman Cappadocia. Oxford: Oxford University Press, 2001.

HUTCHENS, Benjamin. *Levinas*: a guide for the perplexed. London: Continuum, 2004. 192 p. ISBN 978-0826472823.

KOENIG, John. *New Testament hospitality*: partnership with strangers as promise and mission. Eugene: Wipf and Stock, 2001.

LATHROP, Gordon W. *Holy things*: a liturgical theology. Minneapolis: Fortress Press, 1993.

LEDERACH, John Paul. *Transformação de conflitos*. São Paulo: Palas Athena, 2012. 1. ed. 96 p. ISBN 978-8560804160.



LÉVINAS, Emmanuel. *De outro modo que ser ou para lá da essência*. Tradução de José Luis Pérez e Lavínia Leal Pereira. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011. (Translata). 196 p. ISBN 978-972-8531-93-5.

LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. 304 p. ISBN 978-8532616128.

LÉVINAS, Emmanuel. *Ética e infinito*. Lisboa: Edições 70, 2007. 1. ed. 104 p. ISBN 978-9724413679.

LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2008. 312 p. ISBN 978-9724413747.

LEVINSON, Bernard M. *Deuteronomy and the hermeneutics of legal innovation*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

LOUW, Daniël J. On becoming a “streetwise home-church”. In: LOUW, Daniël J. (org.). *Pastoral care and counselling in a globalised world*. Cape Town: AOSIS, 2021. DOI: <https://doi.org/10.4102/AOSIS.2020.BK198.01>.

MAGEZI, Vhumani. Towards understanding migrants’ coping mechanisms. In: LOUW, Daniël J. (org.). *Pastoral care and counselling in a globalised world*. Cape Town: AOSIS, 2021. DOI: <https://doi.org/10.4102/AOSIS.2020.BK198.04>.

MARCELINO, Maria Paula. Hospitalidade e riscos do encontro. *Psicologia & Sociedade*, v. 28, n. 1, p. 7-14, 2016.

MARION, Jean-Luc. *God without being: hors-texte*. 2. ed. Tradução de Thomas A. Carlson. Chicago: University of Chicago Press, 2012. 344 p. ISBN 978-0226505657.

MASLOW, Abraham H. *Motivation and personality*. 3. ed. New York: Longman, 1987. 336 p. ISBN 978-0060419875.

MASLOWSKI, Adriano André; MALLMANN, Gabriel. A hospitalidade em Emmanuel Levinas: um chamado ético à responsabilidade pelo outro. *Caderno Pedagógico*, Curitiba, v. 21, n. 8, p. 1-15, 2024. ISSN 1983-0882. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/6401>. Acesso em: 26 mar. 2026.

MELETIOU, Crystal; MEYLAHN, Johann-Albrecht. Unmasking the face of hospitality. *Verbum et Ecclesia*, v. 37, n. 1, 2016. DOI: <https://doi.org/10.4102/ve.v37i1.1656>.



MOLTMANN, Jürgen. *God in creation: a new theology of creation and the Spirit of God*. Minneapolis: Fortress Press, 1993. (Gifford Lectures). 384 p. ISBN 978-0800628239.

PASTORAL CARCERÁRIA. *Comunicação Não Violenta: Uma Abordagem para a Harmonia nas Relações*. Carceraria.org.br, 24 jul. 2024. Disponível em: <https://carceraria.org.br/justica-restaurativa/comunicacao-nao-violenta-uma-abordagem-para-a-harmonia-nas-relacoes>. Acesso em: 26 mar. 2026.

PEPERZAK, Adriaan T. *To the other: an introduction to the philosophy of Emmanuel Levinas*. West Lafayette: Purdue University Press, 1993. (Purdue Series in the History of Philosophy). 247 p. ISBN 9781612490373.

POHL, Christine D. *Making room: recovering hospitality as a Christian tradition*. Grand Rapids: Eerdmans, 1999. 219 p. ISBN 978-0802844316.

REYNOLDS, Thomas E. *Vulnerable communion: a theology of disability and hospitality*. Grand Rapids: Brazos Press, 2008.

ROGERS, Eugene F., Jr. *Sexuality and the Christian body: their way into the Triune God*. Oxford: Blackwell, 1999.

ROSENBERG, Marshall B. *Comunicação não violenta: técnicas para aprimorar relações pessoais*. São Paulo: Ágora, 2015.

ROXBURGH, Alan; ROMANUK, Fred. *The missional leader: equipping your church to reach a changing world*. San Francisco: Jossey-Bass, 2006. (Jossey-Bass Leadership Network Series). 240 p. ISBN 978-0787983253.

SHEPHERD, Andrew. *The gift of the other: Levinas, Derrida, and a theology of hospitality*. Eugene: Pickwick Publications, 2014.

SHIRLEY, Timothy W.; NEL, Malan; MEYER, Esias E. Building welcoming and inclusive congregations. *Verbum et Ecclesia*, v. 45, n. 1, 2024. DOI: <https://doi.org/10.4102/ve.v45i1.3015>.

STILL, Judith. *Derrida and hospitality: theory and practice*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010. 1. ed. 304 p. ISBN 978-0748640270.

SUTHERLAND, Arthur. *I was a stranger: a Christian theology of hospitality*. Nashville: Abingdon Press, 2006. 100 p. ISBN 978-0687063246.

VINES, Matthew. *God and the gay Christian: the biblical case in support of same-sex relationships*. New York: Convergent Books, 2015. 224 p. ISBN 978-1601425188.



VOLF, Miroslav. *Exclusion and embrace: a theological exploration of identity, otherness, and reconciliation*. Nashville: Abingdon Press, 1996. 336 p. ISBN 978-0687002825.

YONG, Amos. *Hospitality and the other: Pentecost, Christian practices, and the neighbor*. Maryknoll: Orbis Books, 2008. (Faith Meets Faith Series). 192 p. ISBN 978-1570757723.